

Cómo citar este trabajo: Braz, Camilo (2023). Imponderáveis de um trabalho de campo remoto: dos itinerários de homens trans brasileiros durante a pandemia de covid-19 à melodia de uma flauta-doce. *Revista del Laboratorio Iberoamericano para el Estudio Sociohistórico de las Sexualidades*, 10, pp: 35–49. <https://doi.org/10.46661/relies.8337>

Imponderáveis de um trabalho de campo remoto: dos itinerários de homens trans brasileiros durante a pandemia de covid-19 à melodia de uma flauta-doce

Imponderables of remote fieldwork: from the itineraries of Brazilian trans men during the covid-19 pandemic to the melody of a penny whistle

Camilo Braz

Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil
camilobraz@ufg.br

Orcid: 0000-0001-8492-9500

Recepción: 12.07.2023

Aceptación: 21.10.2023

Publicación: 23.10.2023



Este trabajo se publica bajo una licencia de Creative Commons Reconocimiento-NoComercial 4.0 Internacional.

Resumo

Este trabalho pretende interpretar antropológicamente narrativas de homens trans brasileiros a respeito dos desafios impostos pela pandemia de covid-19 em variadas áreas, tais como acesso à saúde, enfrentamento do desemprego e da diminuição da renda e intensificação de processos relacionados ao que foi chamado de isolamento social. Pretende-se refletir, a partir de um diálogo com bibliografia sobre a pandemia e as experiências de pessoas marcadas por dimensões de gênero e sexualidade, sobre aspectos que tornam desafios potencialmente ampliados a partir da identidade de gênero transmasculina, em intersecção com outros marcadores sociais de diferença, sobretudo relacionados a raça e classe social. E analisar os itinerários e as estratégias mobilizadas por tais sujeitos para lidar com tais questões, apontando assim para uma possível discussão acerca de suas expectativas de vida e projetos de futuro. O material empírico foi produzido a partir de entrevistas para o projeto de pesquisa “Transmasculinidades, Saúde e Espera: antropologia do curso da vida entre homens trans”, contemplado com Bolsa de Produtividade em Pesquisa Nível 2 do CNPq em 2018. A intenção dessa investigação era reencontrar colaboradores de uma pesquisa anterior, em sua maioria residentes na região metropolitana de Goiânia, no Brasil, entrevistados entre 2015 e 2016. A pandemia afetou profundamente os planos da investigação. A partir do segundo semestre de 2021, alguns dos colaboradores aceitaram dialogar por meio de ferramentas remotas de comunicação. Tais entrevistas permitem analisar aspectos não previstos no projeto, que dizem respeito aos itinerários desses sujeitos frente aos desafios impostos pela pandemia.

Palavras-chave: Homens Trans; Espera; Covid-19; Brasil

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo interpretar antropológicamente narrativas de varones trans brasileños sobre los desafíos planteados por la pandemia de Covid-19 en diversos ámbitos, como el acceso a la salud, el enfrentamiento al desempleo y la reducción de ingresos, y la intensificación de los procesos relacionados con lo que se llamó aislamiento social. Se pretende reflexionar, a partir de un diálogo con bibliografía sobre la pandemia y las vivencias de personas marcadas por dimensiones de género y sexualidad, sobre aspectos que hacen que los desafíos sean potencialmente ampliados desde la identidad de género transmasculina, en intersección con otros marcadores sociales de diferencia, especialmente relacionados con la raza y la clase social. Y analizar los itinerarios y las estrategias movilizadas por tales sujetos para abordar tales cuestiones, apuntando así a una posible discusión sobre sus expectativas de vida y proyectos de futuro. El material empírico fue producido a partir de entrevistas para el proyecto de investigación “Transmasculinidades, Salud y Expectativas: antropología del curso de vida entre varones trans”, premiado con una Beca de Productividad en Investigación Nivel 2 del CNPq en 2018. La intención de esta investigación fue conocer a colaboradores de una investigación anterior, en su mayoría residentes de la región metropolitana de Goiânia, en Brasil, entrevistados entre 2015 y 2016. La pandemia afectó profundamente los planes de investigación. A partir del segundo semestre de 2021, algunos de los entrevistados acordaron dialogar a través de herramientas de comunicación remota. Estas entrevistas permiten analizar aspectos no previstos en el proyecto, que atañen a los itinerarios de estos sujetos frente a los desafíos impuestos por la pandemia.

Palabras clave: Varones trans; Espera; Covid-19; Brasil.

Abstract

This work intends to reflect, from a dialogue with bibliography on the pandemic and the experiences of people marked by dimensions of gender and sexuality, on aspects that make challenges potentially amplified from the transmasculine gender identity, in intersection with other social markers of difference, especially related to race and social class. And to analyze the itineraries and strategies mobilized by such subjects to deal with such issues, thus pointing to a possible discussion about their life expectations and future projects. The empirical material was produced from interviews for the research project “Transmasculinities, Health and Waiting: Anthropology of the life course among trans men”, awarded with a CNPq Level 2 Research Productivity Grant in 2018. The intention of this investigation was to find collaborators from a previous investigation, most of them residing in the metropolitan region of Goiânia, in Brazil, interviewed between 2015 and 2016. The pandemic has profoundly affected the investigation plans. As of the second half of 2021, some of the collaborators agreed to dialogue through remote communication tools. Such interviews make it possible to analyze aspects not foreseen in the project, which concern the itineraries of these subjects in the face of the challenges imposed by the pandemic.

Keywords: Transmen; Waiting; Covid-19; Brazil.

1 Introdução¹

Em 2014, eu tinha interesse em continuar pensando acerca dos significados e efeitos da produção de discursos, práticas e repertórios culturais sobre masculinidades socialmente e culturalmente desautorizadas. Um tema que me inquieta e me afeta subjetivamente e que pesquisei no doutorado, quando etnografei e interpretei teias de significados produzidas, incorporadas e performatizadas a partir da valorização de estereótipos associados à virilidade entre homens gays cisgênero, a partir de uma pesquisa no mercado erótico e em clubes de sexo masculinos (Braz, 2012). Enquanto eu procurava um tema de pesquisa, formava-se na Universidade Federal de Goiás (UFG), onde atuo como docente de Antropologia, o Coletivo TransAção, composto por estudantes que tinham a intenção de discutir questões trans na universidade. Esse coletivo me procurou e, a partir de uma parceria com o Ser-Tão, Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Gênero e Sexualidade, formamos um projeto de extensão, intitulado Trans UFG. E começamos a ler textos produzidos sobre essas temáticas e propor discussões, em distintas unidades da universidade, a respeito delas.

Em junho daquele ano, foi aprovado pelo Conselho Universitário (Consuni) da UFG o uso do nome social para pessoas trans e travestis na universidade. Em outubro, fui convidado a participar de uma reunião com estudantes trans, para auxiliar a mapear como estava sendo o processo de implementação dessa política no cotidiano universitário. Contudo, para minha surpresa, suas preocupações eram outras: estavam relacionadas aos rumores sobre a possível descontinuidade do Projeto Transexualidade, conhecido como Projeto TX, criado em 1999 no Hospital das Clínicas da UFG e parte do chamado Processo Transexualizador do Sistema Único de Saúde (SUS), que estava fechado para novos atendimentos por ausência de recursos desde 2012 e que, em 2014, estava ameaçado de “fechar de vez”. Um dos estudantes estava bastante inquieto por não ter conseguido ainda entrar no projeto. E disse uma frase que teve um efeito performativo para a pesquisa: “*Não aguento mais esperar*”. Nesse encontro, o tema da espera entrava na minha incipiente investigação². E a transformava.

Além desse encontro, como parte do trabalho de campo eu já vinha participando de alguns outros eventos realizados na cidade de Goiânia, onde resido, nos quais o tema do acesso à saúde para pessoas trans e travestis era sempre amplamente discutido, incluindo relatos a respeito das dificuldades de obter atendimento médico. Seguindo tais pistas, 16 entrevistas semiestruturadas foram realizadas – 4 com profissionais que trabalhavam na atenção à saúde de pessoas trans e 12 com homens trans. Lançar sobre suas narrativas um olhar antropológico implicava considerar uma tensão entre o tempo dos sujeitos e o tempo protocolar, entre o tempo de cada um e o tempo institucional (Sampaio e Coelho, 2014). Contraste que aparecia, por exemplo, nas falas sobre a espera para entrar no Processo Transexualizador, que remete ao “tempo nos hospitais” ou à “temporalidade hospitalar” de que nos fala Emília Araújo (2012).

A espera faz mesmo parte do campo da saúde, incluindo a pública, em sentidos muito variados. Contudo, há que ressaltar, por exemplo, o quanto as etnografias realizadas em salas de espera em ambientes hospitalares revelam, muitas vezes, o agenciamento de discursos, práticas e saberes biomédicos com intencionalidades imprevistas, assim como as estratégias mobilizadas por pessoas

¹ Agradeço ao CNPq pelos recursos destinados ao projeto de pesquisa “Transmasculinidades, Saúde e Espera: antropologia do curso da vida entre homens trans”, contemplado com Bolsa de Produtividade em Pesquisa Nível 2 em 2018.

² “Antropologia, Transformações Corporais e Masculinidades: transmasculinidades no Brasil contemporâneo”, realizada entre 2014 e 2019. A partir de 2016, contou com o apoio do CNPq, através da obtenção de uma Bolsa de Produtividade em Pesquisa, Nível 2.

que, a despeito de enormes dificuldades, buscam o tempo inteiro “caçar soluções” para seus problemas, como nos diz Soraya Fleischer (2018) em seu trabalho etnográfico sobre problemas de pressão na Ceilândia, no Distrito Federal, Brasil.

Assim, é preciso também considerar que o processo de reabertura do Projeto TX, ocorrida no início de 2016, envolveu intensa mobilização de ativistas trans e travestis, em parceria com a criadora do Projeto, falecida em 2019, Dra. Mariluzza Terra. Nesse cenário, o Coletivo TransAção articulou junto à Reitoria, por exemplo, a garantia de atendimento ambulatorial e psicológico para pessoas trans e travestis da comunidade acadêmica no posto de saúde do campus II da UFG. Assim como o acesso à atenção psicológica em um projeto de extensão da Faculdade de Psicologia. Além disso, em parceria com o governo estadual, criou-se um segundo projeto ligado ao Processo Transexualizador na cidade, que passou a funcionar no Hospital Geral de Goiânia (HGG), no início de 2017.

Ademais, em 01 de março de 2018, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu favoravelmente pela possibilidade de alteração de nome e de gênero no registro civil para pessoas trans no Brasil, sem a necessidade de procedimentos cirúrgicos ou de laudos. E em 20 de maio de 2019, foi aprovada na 72ª Assembleia Mundial de Saúde, em Genebra, a retirada das experiências transexuais da lista de transtornos ou distúrbios mentais na nova versão do Código Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial de Saúde (OMS). Tais processos podem ajudar a produzir mudanças nos repertórios simbólicos a respeito das experiências de pessoas trans. E nos convidar não apenas a escrever sobre eles enquanto “cultura”, mas, como diz Lila Abu-Lughod (1991), a escrever sobre eles “contra a cultura”. Quando o que mais importa não é apenas refletir sobre a “escrita da cultura”, mas sobre estratégias para etnografias do particular e da prática que falam, também, de sua contestação e transformação.

Desse modo, formulei um novo projeto de pesquisa, com a intenção de reencontrar os homens com quem havia me encontrado entre 2015 e 2016. Sem um roteiro pré-estabelecido – nosso diálogo dependeria do que cada um deles me havia dito alguns anos antes. Eles se leriam, a partir da transcrição das entrevistas. E conversaríamos a respeito do que mudou – em neles, em mim, no mundo enfim.

A pretensão era produzir elementos etnográficos que pudessem contribuir para os debates sobre gênero, sexualidade e curso da vida (Simões, 2004; Henning, 2014; 2016). E continuar conversando sobre a espera, dessa vez, talvez, mais na sua chave de projeto futuro: a espera quanto expectativa, projeto de vida.

Em uma manhã de setembro de 2015, me encontrei com Antônio³ na Praça Universitária, que fica localizada no Setor Universitário, um bairro da região central de Goiânia. Ele tinha 18 anos. Era estudante do primeiro ano de graduação em uma universidade pública. Vivia com a mãe e a irmã em um bairro de classe média da cidade. Dizia viver uma “vida dupla”: junto a sua namorada e amigos, era Antônio. Em casa, ainda não. Esperava começar a hormonioterapia em breve. O fato de o Projeto TX estar fechado à época fazia com que ele tivesse que buscar os hormônios como faziam muitos de seus amigos: “por conta própria”. Contudo, tinha receio em obtê-los: estava juntando dinheiro para passar por uma consulta com uma endocrinologista que havia sido indicada em um grupo de WhatsApp formado por outros homens trans de Goiânia e região, do qual participava cotidianamente. Se, desde 2015, não deixamos de nos encontrar, em ocasiões diversas, quatro anos depois, nos reencontramos para uma nova entrevista. Isso se deu em setembro de 2019, em um café no Setor Bueno, um bairro considerado “nobre” e que fica na zona sul da cidade. Antônio já

³ Todos os nomes de entrevistados foram trocados.

não vivia a “vida dupla”. Ele disse já estar com toda a documentação pronta para solicitar a “correção de seus registros civis”, no cartório no qual foi originalmente registrado, localizado em uma cidade da região metropolitana de Goiânia. Decidiu trancar a faculdade, uma vez que não gostava do curso. E estava trabalhando. De fato, Antônio iniciou o processo de hormonização em 2015, como ele *esperava*, por meio de consulta particular. Dois meses depois, quando o posto de saúde da UFG começou a atender pessoas trans da comunidade acadêmica (uma demanda do Coletivo TransAção, como mencionado), passou a ser atendido por lá. Quando o Projeto Transexualidade, do HC da UFG, reabriu suas portas para novos atendimentos, conseguiu uma vaga e, posteriormente, passou a ter atendimento ambulatorial no segundo projeto criado na capital, ligado ao HGG (Hospital Geral de Goiânia), a fim de realizar exames periódicos e obter as receitas de hormônios.

Carlos Eduardo Henning (2014) propõe o conceito de teleologia heteronormativa relacionado ao curso da vida, entendida por ele como uma forma normativa de estipular metas, fins e objetivos últimos para o percurso biográfico. Nesse sentido, cabe sempre indagar sobre as estratégias mobilizadas por pessoas cujas existências são dissidentes em relação às convenções sociais hegemônicas para viverem, apesar delas. Lorena Oliveira (2017), a partir de sua pesquisa sobre envelhecimento entre travestis em Belo Horizonte, afirma que pensar antropológicamente sobre tais trajetórias é falar não apenas sobre velhice, mas sobre trajetórias de *sobrevivência*. Esse reencontro com Antônio me provocou a pensar sobre a espera como catalisadora de relações sociais em termos de expectativas relacionadas ao curso da vida, e a considerar potenciais ambivalências desse processo. Especialmente quanto às expectativas de gênero e referenciais cisnormativos (Moirá, 2017) que, muitas vezes, colocam em discurso a chamada “transição de gênero”. Antônio parecia encontrar as palavras para dizê-la menos enquanto algo linear, mecânico e direto, como evoca a expressão, bastante preconceituosa, de “mudança de sexo”. E falava de suas experiências enquanto processo, fluxo, itinerário. O que tem, talvez, a potencialidade de contribuir para alargar discussões sociológicas e antropológicas em relação ao curso da vida a partir das lentes dos estudos de gênero e de sexualidade para além de referenciais cisnormativos.

Quando perguntado sobre como se imaginava daqui a alguns anos, a primeira resposta de Antonio foi a de que esperava estar casado com sua namorada, por quem estava “super apaixonado”. Além disso, questionado sobre expectativas futuras, Antonio disse esperar por mudanças políticas no Brasil, uma vez que o então governo, nas suas palavras, estava “cagando e andando para milhões de minorias”.

2 No meio do caminho havia um vírus

Espera. Um tema que, a partir de março de 2020, adquiriu contornos dramáticos, quando o mundo, tal como o conhecíamos, “acabou” e entramos na era da pandemia de covid-19. Um processo, no Brasil, especialmente dramático, beirando o insuportável e o insustentável, especialmente para as pessoas que tinham seus corpos e vidas marcadas por desigualdades de classe, de gênero, de sexualidade, de idade, de raça, de etnia, de escolaridade, de regionalidade, de condições de moradia.

E é preciso considerar que, de uma perspectiva antropológica,

Pandemia é (...) um tipo abstrato cuja realização precisa ser compreendida a partir de exercícios descritivos do sensível em vez da exaltação de indicadores e métricas internacionais de avaliação. O volume de casos, as proporções entre quem destes adoeceu e precisou cuidados médicos e em

que nível de atenção; o número de mortes; as intersecções de gênero, e de raça; o nível socioeconômico, a faixa etária, o grau de instrução ou o tipo de atividade profissional são algumas das informações quantificáveis que são fundamentais para a compreensão dos formatos epidemiológicos da crise. Mas é preciso “preencher” esses dados com trajetórias, biografias e experiências individuais e coletivas que nos permitam dar conta das memórias e múltiplos sentidos desse evento crítico (Segata et al, 2021, p. 8-9).

Assim, quando refletimos sobre a pandemia a partir de um olhar antropológico que esteja preocupado com “a problemática do biopoder e dos governos” (Rui et al, 2021, p. 35), é preciso salientar que, quando se trata de apontar como “diferenças e desigualdades impactam formas de experimentar a pandemia em contextos situados (...) no caso brasileiro, a conjuntura política nacional teve um impacto, direto ou indireto, situando o presidente da república, Jair Bolsonaro, como o principal aliado político das mortes causadas pelo vírus no território nacional (idem, p. 37).

Nesse cenário estarrecedor, a espera, sem encontros possíveis além dos remotos, mediados por telas, máscaras e distanciamento, ganhou contornos de incerteza.

No final de 2019, realizei mais uma entrevista com um dos colaboradores da pesquisa anterior. Contudo, a pandemia de Covid-19 afetou profundamente os planos da investigação, ao longo dos anos de 2020 e 2021. Sem desconsiderar o impacto sobre minha própria saúde, ao ficar 24 horas por dia trancado sozinho em um apartamento, trabalhando remotamente e lidando com dois lutos anteriores à pandemia: a morte trágica de meu irmão, ocorrida em 2018; e meu divórcio, após 13 anos de casamento, ocorrido em dezembro de 2019. Meu corpo, também pandêmico, lidou com ansiedade, depressão, o desenvolvimento de um persistente e resiliente tinnitus (que está comigo até hoje) e com muita insônia. Ainda assim, eu tinha diversos privilégios em comparação às experiências de quem lidava com tudo isso no Brasil sem condições adequadas de moradia, sem poder trabalhar remotamente, sem renda. Assim, tentei realizar as entrevistas que havia me proposto por meio de tecnologias de comunicação remotas. Mas a maioria dos entrevistados não estava disposta a realizá-las dessa forma – seja por questões também de luto, de saúde, ou, ainda, pelo fato de terem que buscar alternativas para lidar com os efeitos da pandemia no que dizia respeito a questões urgentes, tais como renda, emprego, moradia, acesso à saúde. Consegui conversar com um deles em julho de 2020. Os demais, não se sentiam confortáveis em realizar as entrevistas, preferindo fazê-lo presencialmente, quando isso fosse possível. Foi a minha vez de entrar em “modo de espera”, sobretudo em respeito ao tempo – o deles e, de certo modo, o meu também.

Uma das saídas por mim encontradas foi, num primeiro momento, focar os esforços da investigação em outro dos eixos propostos no projeto, que era o que dizia respeito à análise da profusão discursiva midiática em torno do tema das transmasculinidades no Brasil, em anos recentes (Braz, 2022).

Por fim, a partir do segundo semestre de 2021, embora ainda em um cenário pandêmico, quando a variante ômicron se alastrava pelo país (foi quando eu próprio tive covid, com sintomas moderados graças à vacina) alguns dos entrevistados aceitaram dialogar comigo por meio remoto. Desse modo, consegui realizar algumas entrevistas a mais, o que se estendeu até março de 2022. No total, realizei 8 entrevistas, sendo 2 realizadas presencialmente (antes da pandemia) e 6 de forma remota (sendo que com alguns dos entrevistados foram realizados mais de um encontro, por variados motivos, como problemas técnicos ou mesmo cansaço). As entrevistas realizadas remotamente, que compõem o material para o presente artigo, me abriram a possibilidade de analisar aspectos imprevistos na pesquisa original, que dizem respeito aos itinerários desses sujeitos frente aos desafios impostos pela pandemia, em termos terapêuticos, de emprego, renda, moradia, dentre outros aspectos.

3 Itinerários, narrativas e estratégias

Como nos diz Antonio Deusivam de Oliveira (2020, p. 22), “de acordo com Nota Técnica divulgada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em abril de 2020, as populações vulnerabilizadas são as mais impactadas pelos efeitos da crise ocasionada pelo vírus”. Contudo, como nos lembra Lion Silva, “dificilmente a população LGBT tem sido incluída nos recortes de população vulnerável, de modo a minimizar as desigualdades sociais entre os grupos menos favorecidos” (Silva, 2020: p. 88).

Nesse sentido, Deusivam Oliveira nos lembra que o acesso à renda é um componente que afeta diretamente essa população, assim como condições precárias de habitação, e recorda dos resultados de uma pesquisa realizada junto a mais de 10 mil pessoas LGTBTTQIA+, realizada pelo Coletivo #VoteLGBT em 2020, que apontou que “além das questões de renda e desemprego, a saúde mental e o afastamento da rede de apoio foram os pontos mais impactados durante esse período de isolamento social ocasionado pela pandemia” (OLIVEIRA, 2020, p. 22). O maior problema apontado pelas pessoas entrevistadas dizia respeito à saúde mental (reportados como ansiedade, crises de pânico e depressão). Nesse sentido, como nos lembra o autor, a solidão apareceu como uma categoria importante para colocar essas experiências em discurso.

Nesse cenário, passei a considerar ser importante refletir sobre a ideia de isolamento social à luz de meu contexto (pandêmico) de pesquisa. Assim como Ailton Krenak (2019) convida as pessoas para quem o mundo está acabando agora a aprender a reconstruí-lo com os povos indígenas que vivem no Brasil, para quem ele já acabou diversas vezes desde 1500, para muitas pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e outras cujas existências não cabem nas normas de gênero e de sexualidade binárias, com raras exceções (quando há suporte familiar, acolhimento e reconhecimento institucional e profissional ou mesmo redes de amizade e afeto), sempre houve, de alguma forma, certo isolamento. O social, nesse caso, não está, em muitas situações, no script de gênero e de sexualidade. Especialmente quando a ele interseccionam-se outros, como os raciais e os de classe. É essa a interpretação que consigo produzir a partir de relatos como o de Daniel, um homem trans que se reconhece como pardo, com quem me reencontrei remotamente em março de 2022: “Você deve ser a segunda pessoa de Goiânia que eu vejo falando por câmera assim”.

Essa foi a primeira frase de nosso diálogo. Daniel relatou que, além de mim, havia tido alguns encontros remotos com uma amiga que conheceu em 2012, na UFG. No momento, uma das amizades mais antigas da vida dele. “Porque eu não tenho amigos de infância”, completou. Nessa linha, Rubens, com quem me encontrei virtualmente em novembro de 2021, me havia dito:

“Assim, a galera trans, ela já sofre um impacto emocional, uma carga emocional muito grande. Seja pela rejeição, seja pela autodescoberta, pelo autoconhecimento...e a pandemia fez com que o isolamento se tornasse algo real. Então, muita gente sofria com o isolamento, passou a sofrer mais. Eu vejo a pandemia assim. Ela afetou todo mundo, em proporções assim inimagináveis, sabe? A comunidade mais pobre sofreu mais. Ela não teve a escolha de...”vou ficar em casa”. Então, ela teve que se sujeitar ao risco. E se sujeitou, porque precisava trabalhar. Precisava sair de casa. Precisava comer. Precisava...sabe? Tudo isso. E aí, assim, a comunidade trans tá obviamente em exemplos dessa comunidade mais pobre que não teve essa escolha entre trabalhar ou não”.

Esse relato liga-se ao de outros entrevistados, como o de Marcos, com quem conversei remotamente em fevereiro de 2022. Durante nossa conversa, Marcos, que se reconhece como um homem negro, contou que nos últimos anos muita coisa mudou em sua vida. Disse que se fechou

bastante, em termos de exposição pessoal e de visibilidade. “Eu me fechei muito tanto prá amizades, eu saí da militância...todos os tipos de militância”. Nesse período, alcançou objetivos escolares e profissionais e se voltou mais para a família, para o seu casamento e para si mesmo. Ao falar sobre a pandemia, contudo, relatou:

“Mas você sabe que essa questão da pandemia intensificou o meu afastamento, né? O meu isolamento que já estava em processo. Então, eu ainda estava me relacionando com algumas pessoas...no âmbito pessoal, vamos dizer amigos, amigas...e aí isso aí trouxe um impacto muito grande porque eu me afastei definitivamente...depois da pandemia. E aí eu comecei a me isolar muito mesmo, com aquele medo, uma preocupação de pegar covid...aí peguei covid...fiquei mal, quase morri...faltou pouquinho coisa...e aí depois disso piorou (...) Não saio mais. Não recebo visitas. Só com a minha família. Então, intensificou. Aí eu voltei prá terapia (...) eu comecei a desenvolver uma crise de ansiedade muito forte, muito grande...não sei se foi esse o processo, né? Devido à pandemia, esse isolamento...geral, né? E eu tive que ter acompanhamento psiquiátrico e psicológico. Então, eu tive que ir para o uso de medicamento mesmo. Porque eu fiquei bem mal mesmo (...) Então eu acho que foi um impacto também muito forte da pandemia”.

Esse relato é próximo do trazido por Moisés, que também se reconhece como um homem negro, com quem me reencontrei em junho de 2021:

“Olha, Camilo, [a pandemia] afetou muito principalmente a parte emocional. A parte psicológica, emocional assim. Das pessoas que já tinham uma vulnerabilidade se acirrou ainda mais (...) O psicológico dessas pessoas. Extremamente afetado. Porque foi uma vulnerabilidade a mais do que já tinha. E amigos, assim...é...tive algumas perdas de pessoas por covid. Foi muito ruim, né? De pessoas muito próximas (silêncio prolongado) então fica muito afetado. Tanto financeiro, é...psicológico, emocional, né? Então foi muito afetado”.

Em 2015, Gabriel aguardava por uma vaga para poder ser atendido pelo Projeto TX, no Hospital das Clínicas da UFG. O projeto, como já mencionado, estava fechado para novos atendimentos, por falta de recursos. Enquanto representantes de movimentos sociais, pessoas ligadas à universidade, coletivos diversos e a própria coordenadora buscavam alternativas para que ele fosse reaberto, Gabriel passou a ser atendido, de forma particular, por uma médica, que atuava como assistente da coordenadora do projeto, em seu consultório particular. Estudante universitário, com 25 anos quando nos conhecemos, estava juntando dinheiro para pagar por essas consultas e pelos hormônios, que no dia da nossa conversa ele iria buscar na farmácia pela primeira vez. Ele estava bastante ansioso e mal podia esperar para saber que resultados essas substâncias provocariam em seu corpo. Saindo da entrevista, foi direto para a farmácia. Cinco anos depois, em julho de 2020, nos reencontramos para conversar remotamente. Ele foi o primeiro entrevistado desde que o mundo, ao menos como eu o conhecia, parecia haver acabado. Ou, ao menos, sido suspenso. Ele narrou que, um pouco após nossa primeira conversa, o Projeto TX reabriu.

“Você tinha que ir no SUS, né? E pedir lá (...) um encaminhamento para o Projeto TX no Hospital das Clínicas. E assim foi. Aí eu pedi o encaminhamento, daí eles me ligaram, me encaminharam e eu comecei a participar do Projeto, desde quando ele iniciou novamente. Já tem 5 anos”.

Estando em acompanhamento pelo Projeto TX há cinco anos, ele conseguia ter acesso ao acompanhamento psicológico, aos pedidos de exames e às receitas para adquirir as substâncias que circulavam pelo seu corpo, já com 30 anos.

“Aí eu tô na fila, né? Prá fazer as cirurgias, que são a mastectomia e a histerectomia. Inclusive, a minha mastectomia chegou a ser marcada. Era prá ter sido feita dia 25 de março de 2020. Só que adiaram por conta da pandemia. Dia 11 de março eu fui levar meus exames pré-

cirúrgicos. Só que a minha cirurgia saiu pelo HGG (...) É porque eles abriram também o projeto no HGG e tava sem cirurgião no HC. E aí, me encaminharam pro HGG prá fazer. Não tinha como eu voltar pro HC prá fazer com o cirurgião de lá, porque a minha guia já tinha saído pro HGG, né? A verba da cirurgia. Então, tinha que ser lá. Aí, quando foi dia 11 de março, que eu fui prá levar os meus exames pré-cirúrgicos, assim...eu cheguei pertinho da mastectomia [suspira]. Aí, eles falaram que que o hospital disse que ia suspender, disse que ia adiar e tudo mais, que não ia dar prá fazer. Mas eu vou fazer o que? Esperar, né? Esperar. Tudo engatilhado, tudo certo [suspira]...eu já esperei 5 anos, né? Fazer o que? Esperar”.

A espera faz parte do dia-a-dia. Mas refletir criticamente sobre lógicas sociais e culturais daquilo que soa familiar é talvez um dos objetivos da Antropologia (Velho, 1980). Nesse caso, a espera é catalisadora de relações sociais. Revela relações de poder (o que remete ao inglês *to wait*); reafirma expectativas sociais normativas (o que evoca o inglês *to expect*) e, também, aponta para a construção de perspectivas de futuro, o que remete ao inglês *to hope*, que quero entender aqui enquanto *esperança* (Freire, 2013).

Perspectivas sociológicas clássicas correlacionam a espera às relações de poder. Nesse sentido, a distribuição do tempo de espera coincide, em linhas gerais, com as desigualdades em determinado contexto. Tais ideias são bem trabalhadas pelo sociólogo argentino Javier Auyero (2012), para quem paciência e perseverança seriam as qualidades exigidas do que nomeia como "Pacientes do Estado". E é nessa chave que Mario Pecheny (2017), com quem realizei um estágio pós-doutoral na Universidade de Buenos Aires entre 2017 e 2018, afirma que a espera pode ser considerada como uma forma de relação social que institui ao menos dois sujeitos: quem espera e quem faz – ou se faz – esperar. Nesse sentido, segundo Emília Araújo,

“A teoria das classes e da estratificação consolida largamente a ideia de que a espera resulta de um “habitus”, de um processo de socialização que determina a forma como os atores pensam a sua vida e a planificam. A espera adquire o sentido de expectativa e de aspiração. Em certo sentido, os indivíduos não aprendem apenas a esperar e a esperar de uma certa forma, conforme a classe em que se situam. Também aprendem a pensar e a planificar (mais ou menos) a sua vida. Aprendem a lidar diferentemente com as regras racionais e culturais da espera e que, tal como temos vindo a observar, variam conforme a classe social, mas conforme a idade e o sexo, duas construções sociais poderosas na estruturação dos regimes de temporalidades” (Araújo, 2012: p. 13).

Metodologicamente, uma porta de acesso para analisar a espera, nesses termos, é a de cenas, inspirada nas propostas de Vera Paiva (2006) e de Maria Filomena Gregori (1993). Assim, a reconstituição narrativa de cenas de espera nos permite acessar e ordenar repertórios simbólicos, implicando um “trabalho artesanal de análise” antropológica. Levando em consideração o que está envolvido nos processos de esperar e, sobretudo, fazer esperar, tal perspectiva considera a espera como impressa nos corpos e nas subjetividades de forma insidiosa (Vázquez et al, 2017: p. 40), atentando, contudo, para seus aspectos relacionais e, assim, suas ambivalências.

Moisés estava aguardando o parecer da pneumologista, por ter asma, para fazer a mastectomia. “Aí ela falou prá eu ter paciência, tratar a asma primeiro. A cardiologista deu o aval prá mim fazer a cirurgia já”. Novamente, me deparo com a paciência como uma categoria que coloca em discurso a espera que marca o cotidiano dos entrevistados, em sentidos muito diversos. Outro elemento bastante presente em tais relatos diz respeito a certa disjunção entre suas experiências e as normas e expectativas de gênero hegemônicas. O que se revela em seu relato acerca da histerectomia.

“Aí a histerectomia, aí eu tô com problema de sistema. Porque a doutora passou prá mim o pedido prá cirurgia de histerectomia. Aí, eu moro em [outro município], aí eu tentei na semana passada levar o pedido lá, só que o sistema não reconhece. O sistema, ele é binário. Prá ele, só tá lá “homem e mulher”. Então ele não reconhece que um homem trans vai tirar o útero, então foi barrado. A médica mandou eu voltar no HGG, se eu não conseguir eu vou

ter que abrir um processo judicial prá provar que eu sou um homem que tem que tirar ovários (...) Porque o sistema entende que eu sou um homem e eu não posso fazer uma histerectomia”.

Se, em 2015, Moisés me dizia das enormes dificuldades com o "cis"tema (Moira, 2017), por possuir documentos com um nome e uma designação de gênero que não correspondiam a sua imagem e a sua autopercepção (o que lhe rendia viver sob o signo da desconfiança, da suposição do crime e da fraude, bem como de inúmeras batidas policiais), em 2021, após a retificação de seus documentos e seu reconhecimento civil como homem, o "cis"tema mostrava sua capacidade de reinvenção - a ideia de "problemas de gênero" de Judith Butler (2003) talvez nunca tenha feito tanto sentido para mim.

Em um artigo de opinião a respeito da pandemia de covid-19, a própria Judith Butler, aliás, afirmou: “Como são muitos os recursos partilhados de forma desigual, e muitos também são aqueles que possuem apenas uma pequena ou extinta fração do mundo, não podemos reconhecer a pandemia como global sem enfrentar tais desigualdades” (Butler, 2021: s/n, tradução minha). Moisés havia adoecido por conta da covid e se recuperado. E narrou sobre o isolamento social, que “foi um período de pandemia que eu estudei, Camilo, com muita dificuldade. Eu não tinha computador, não tinha Internet, sem trabalhar...”. Assim como outros entrevistados, Moisés falou do modo como a pandemia afetou drasticamente sua renda.

“Assim...dentro da comunidade, a gente tá fazendo uma força-tarefa, principalmente eu sou de uma ONG que a gente tenta resgatar cestas básicas para essas pessoas. Então, várias pessoas que não têm uma renda, tavam tentando sobreviver com muita dificuldade, né? A comunidade também me acolheu, né? Eu fui sustentado aí por um bom tempo por cestas básicas. Então, assim, nós passamos, toda a comunidade a gente passou um momento muito difícil, né? Principalmente por essa questão de se manter. Essa questão de não estar dentro de um emprego formal...porque a pandemia reduziu muito isso. Então, o psicológico dessas pessoas foi totalmente vulnerabilizado, foram totalmente afetadas no financeiro, então a gente teve uma crise aí financeira gigante. Porque nós já tínhamos”.

Conforme Tibério Oliveira e Raquel Viana, num texto sobre desemprego, violência e a população LGBTQIA+ em tempos de pandemia, “problemas como o desemprego, a violência e a saúde mental são exacerbados por esses sujeitos durante a pandemia de Covid-19, o que nos leva à necessidade de pensá-la para além de seu caráter epidemiológico” (Oliveira e Viana, 2020, p. 57). Moisés, quando conversamos, estava estudando em tempo integral. E, para se manter, além de receber as cestas básicas mencionadas acima, aproveitou os conhecimentos adquiridos em um Curso do Ministério Público do Trabalho, de corte e costura e design de moda, para criar roupas e vendê-las por meio de uma página em uma rede social. “Vai ser o ganha-pão. Prá sobreviver”.

Lúcio, com quem me reencontrei remotamente em fevereiro de 2022, estava atuando como tatuador há cerca de 3 anos. Ele alugava uma sala em um estúdio para realizar os procedimentos. E me disse: “Foi o perrengue que me levou prá tatuagem”. Perrengue é uma gíria utilizada no Brasil como referência a situações que implicam em dificuldades, problemas, situações complicadas. A partir do momento em que as medidas sanitárias entraram em vigor, Lúcio precisou suspender esse trabalho. Nessa época, disse que passou por muitas dificuldades. “Sem emprego fixo e tal...trabalhei em feira, essas coisas assim. No começo da pandemia, quando estourou (...) eu tinha uma moto, que eu comprei em 2018. E aí eu trabalhei com ela durante todo o ano de 2020 e começo de 2021 fazendo delivery”.

Foi assim que Daniel me disse ter conseguido manter alguma renda durante o período de isolamento social. No momento da entrevista, atuava como Uber, utilizando um carro que ele e sua namorada haviam financiado. Assim como Rubens, que afirmou que, durante o período de

isolamento social, a despeito de ter nível superior e pós-graduação, trabalhou como entregador de Uber Eats e em Call Center como forma de contornar a ausência de renda e o desemprego.

Outro ponto que não pode deixar de ser mencionado são as narrativas sobre experiências de adoecimento seja deles mesmos, seja de pessoas muito próximas, assim como aquelas relacionadas ao luto por pessoas que faleceram em decorrência da covid. Os entrevistados mencionaram tanto amigos/as próximos/as, quanto familiares que ou adoeceram gravemente, ou faleceram por causa da doença. Rubens, por exemplo, falou sobre tais experiências ao narrar sobre o nascimento de sua filha, resultado de um processo de inseminação artificial realizado por ele e sua esposa:

“Ela fez um ano em maio agora. E aí em junho teve um surto. Mais um. No primeiro surto, a minha cunhada faleceu. E aí no segundo surto ela pegou, eu peguei, a minha esposa pegou, mas só ela foi hospitalizada [Não havia vacina ainda na época?] Foi em junho, a gente se vacinou em... em julho. Um mês depois. A segunda dose foi em setembro (...) os médicos falaram que quando ela...prá ficar tranquilo, porque criança quando tinha era um quadro bem tranquilo, era uma coriza, uma febre...sintomas gripais e tava tudo tranquilo. Era prá gente se preocupar com a gente, que era adulto. E foi completamente o oposto. Só ela que se hospitalizou. E ela ficou bem ruinzinha, tadinha. Nossa senhora, aí foi literalmente a pior experiência da minha vida. Os médicos falaram assim “a gente vai levar prá UTI. Ela não tá bem e aí...nossa”.

A neném ficou uma semana na UTI e Rubens ficou com ela no hospital. Felizmente, a criança sobreviveu.

4 Considerações Finais

As narrativas dos homens que reencontrei remotamente falam da espera em variadas camadas. Seja aquela relacionada à paciência que se espera dos “pacientes do Estado”. Seja aquele relacionada à espera por uma vacina que, no Brasil, tardou muito em chegar. Seja aquela relacionada às expectativas construídas nos jogos da memória e dos anseios, da resistência e do esperar. Isso me levou a refletir sobre os impactos da pandemia de covid-19 sobre vidas e corpos que já eram marcados pelo signo da espera e do isolamento bem antes que ele se tornasse “social”. Nesse sentido, pensar sobre como a pandemia e seus enfrentamentos reforçaram relações e processos sociais que já os impactava. Mas, também, trazer à tona as formas de sobrevivência, de resistência e de “viração” (Gregori, 2000) que encontraram para lidar com tais dificuldades e buscar o oxigênio que as manchetes noticiavam como faltando nos hospitais brasileiros.

Assim, Marcos me disse que a relação com o pai melhorou depois que ele teve covid. Falou inclusive que, durante o período de isolamento, em que esteve muito mal, seu pai teve um comportamento que ele não esperava – ia todos os dias levar gemada para ele na porta, ou então fazia videochamadas pelo WhatsApp para se certificar de que estava bem.

“E tudo de repente ficou tão pequeno...diante de tantas mortes e possibilidades de mortes...o medo de perder de fato os membros da família...então pelo menos no meu caso eu acho que isso impactou ainda mais, de maneira indiretamente positiva, né? Nesse caso das relações familiares. Então a gente já tava numa relação...razoável...e ela se intensificou de maneira positiva durante a pandemia e ainda mais depois que eu tive covid. E aí ela permaneceu”.

Na mesma linha, Moisés, a despeito de todas as dificuldades enfrentadas, narrou que estava aguardando o resultado da segunda chamada para o curso de Medicina de uma universidade pública quando conversamos. “Eu tive covid. Sabe? Tive medo, falei “meu Deus, e se eu não me formar em

medicina se eu morrer agora? ”. Alguns dias depois, entrei em contato com ele, que me contou que havia sido convocado a ocupar a vaga.

Gostaria de finalizar esse trabalho com um “imponderável do trabalho de campo remoto”. Em algum momento de nossa conversa, Moisés me perguntou sobre como eu estava. Contei para ele sobre minhas próprias experiências durante a pandemia. Comecei a chorar. Ele, então, me disse: “Em algum momento quem nessa pandemia não ficou instável? Todos nós ficamos. De ter, assim, né? De falar “como vai ser o dia de amanhã? ”. Todos nós ficamos”. Preparou então uma surpresa para mim. Buscou uma flauta-doce e tocou uma música. “É uma homenagem prá você. Gosto muito de você”.

Para Maria Claudia Coelho, as ciências sociais são, em grade medida, movidas por sentimentos – apesar de que, muitas vezes, as emoções tenham sido vistas como “intrusas indesejáveis”, tanto por sociólogos/as, quanto por antropólogos/as (Coelho, 2019).

Levando em consideração tudo o que está envolvido nos processos de esperar e, sobretudo, fazer esperar, é preciso considerar mesmo que, a partir dos relatos dos entrevistados, a espera está impressa nos corpos e nas subjetividades de forma a (re)produzir relações de poder. Mas, além disso, se seguimos certa imaginação antropológica, a espera enquanto catalisadora de relações sociais talvez possa, também, ser entendida, à luz de todas as ambivalências implicadas entre efeitos de dominação e estratégias de resistência, como esperança. Como expectativa. E como “esperançar”. E talvez tenhamos vivido um cenário político e epidemiológico no Brasil em que pensar sobre tais possibilidades, onde quer que elas existissem, podia ser, literalmente, oxigênio. Afinal, como nos ensina Paulo Freire,

“Sem sequer poder negar a desesperança como algo concreto e sem desconhecer as razões históricas, econômicas e sociais que a explicam, não entendo a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho. A esperança é necessidade ontológica; a desesperança, esperança que, perdendo o endereço, se torna distorção da necessidade ontológica” (Freire, 2013: p. 9).

No meu caso, o oxigênio veio, em parte, pela melodia daquela flauta-doce.

Bibliografía

- Abu-Lughod, L. (1991). Writing against Culture. In: FOX, R. (ed.) *Recapturing Anthropology*. School of American Research: Santa Fe, 137-162.
- Araújo, E. (2012). A espera e os estudos sociais do tempo e sociedade. In: Araújo; Duque (eds). *Os tempos sociais e o mundo contemporâneo*. Um debate para as ciências sociais e humanas. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade/Centro de Investigação em Ciências Sociais: Universidade do Minho, Portugal.
- Auyero, J. (2012). *Patients of the State – The politics of waiting in Argentina*. Duke University Press, Durham e London.
- Braz, C. (2012). *À Meia Luz – uma etnografia em clubes de sexo masculinos*. Imprensa Universitária/Editora da UFG: Goiânia.
- BRAZ, C. (2022). Do “Segredo” ao “Nós Existimos!”: alguns apontamentos sobre expectativas de gênero em torno das transmasculinidades na mídia brasileira. *ACENO - REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE*, v. 9, p. 185-200.
- Butler, J. (2003). *Problemas de Gênero – feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro.
- Butler, J. (2021). Creating an Inhabitable World for Humans Means Dismantling Rigid Forms of Individuality. *Time*. En <https://time.com/5953396/judith-butler-safe-world-individuality/> Accedido el 26 de agosto de 2022.
- Coelho, M. C. (2019). As emoções e o trabalho intelectual. *Horizontes Antropológicos*, 54, 273-297.
- Fleischer, S. (2018). *Descontrolada*. Uma etnografia dos problemas de pressão. EDUFSCAR: São Carlos.
- Freire, P. (2013). *Pedagogia da Esperança – um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Paz e Terra: Rio de Janeiro.
- Gregori, M. F. (1993). *Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. ANPOCS, Paz e Terra: São Paulo.
- Gregori, M. F. (2000). *Viração*. Experiências de meninos nas ruas. Companhia das Letras: São Paulo.
- Henning, C. E. (2014). *Paizões, Tiozões, Tias e Cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado em Antropologia. UNICAMP: Campinas.
- Henning, C. E. (2016). “Na minha época não tinha escapatória”: teleologias, temporalidades e heteronormatividade. *Cadernos Pagu*, 46, UNICAMP: Campinas, 341-371.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras: São Paulo.
- Moira, A. (2017). O cis pelo trans. *Revista de Estudos Feministas*, 25(1), UFSC: Florianópolis, 365-373.
- Oliveira, A. D. (2020). Apresentação. In: Oliveira, Antonio D (org.). *População LGBTI+, Vulnerabilidades e Pandemia da COVID-19*. Saberes e Práticas: Campinas.
- Oliveira, L. H. (2017). *Travesti Envelhece, Não Vira Purpurina!* Um olhar interseccional sobre a(s) velhice(s) na experiência de travestis em Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado em Antropologia. UFMG: Belo Horizonte.

- Oliveira, T.; Viana, R. (2020). Desemprego e Violência LGBTIfóbica em Tempos da Pandemia de Covid-19. In: Oliveira, Antonio D (org.). *População LGBTI+, Vulnerabilidades e Pandemia da COVID-19*. Saberes e Práticas: Campinas.
- Paiva, V. (2006). Analisando cenas e sexualidades: a promoção da saúde na perspectiva dos direitos humanos. In: Cáceres; Careaga; Frasca y Pecheny (eds.). *Sexualidad, estigma y derechos humanos: desafíos para el acceso a la salud en América Latina*. FASPA/UPCH: Lima.
- Pecheny, M. (2017). Introducción. In: Pecheny, Mario; Palumbo, Mariana (Orgs.). *Esperar y hacer esperar: escenas y experiencias en salud, dinero y amor*. Teseopress: Buenos Aires.
- Rui, T; França, I. L.; Machado, B. F.; Rossi, G.; Arruti, J. M. (2021). Antropologia e pandemia: escalas e conceitos. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 27, n. 59, p. 27-47.
- Sampaio, L.L.P.; Coelho, M. T. D.A. (2014). As transexualidades na atualidade: aspectos conceituais e de contexto. In: *Transexualidades – um olhar multidisciplinar*. EDUFBA: Salvador.
- Segata, J.; Schuch, P.; Damo, A. S.; Victora, C (2021). A covid-19 em suas múltiplas pandemias. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 27, n. 59, p. 7-25.
- Silva, L. M. F. (2020). Assistencialismo, Assistência Social e os não Assistidos em Tempos de Pandemia. In: Oliveira, Antonio D (org.). *População LGBTI+, Vulnerabilidades e Pandemia da COVID-19*. Saberes e Práticas: Campinas.
- Simões, J. A. (2004). Homossexualidade masculina e curso de vida: pensando idades e identidades sexuais. In: Piscitelli, Adriana; Gregori, Maria Filomena; Carrara, Sérgio. (Orgs.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Garamond: Rio de Janeiro, 415-447.
- Vázquez, S.; Fernandez, S. & Szwarc, L. Esperando un aborto exitoso. Tensiones en la espera por abortar con pastillas en el Área Metropolitana de Buenos Aires. In: Pecheny, Mario; Palumbo, Mariana (orgs.). *Esperar y hacer esperar: escenas y experiencias en salud, dinero y amor*. Teseopress: Buenos Aires.
- Velho, G. (1980). Observando o Familiar. In: *Individualismo e Cultura – notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Jorge Zahar: Rio de Janeiro.